

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL – DIURNO**

Daiane Raserá Brum

**LIBRAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR ACADÊMICOS OUVINTES
DO CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA- RS**

Santa Maria, RS
2017

LIBRAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR ACADÊMICOS OUVINTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA-RS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Curso de Graduação em Educação Especial- Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Licenciada em Educação Especial**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Elisane Maria Rampelotto

Santa Maria, RS, Brasil
2017

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Licenciatura em Educação Especial - Diurno**

Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de
Curso

**LIBRAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR ACADÊMICOS OUVINTES DO CURSO
DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA-
RS**

elaborado por
Daiane Rasera Brum

como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Especial

COMISSÃO EXIMINADORA:

Elisane Maria Rampelotto, Prof.^a Dr.^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Priscila Silva Linassi, Prof.^a Ms. (CAMEE Rio Pardo)

Vanise Mello Lorensi, Prof.^a Ms. (EEEE Fernando Reinaldo Cóser)

Santa Maria, 14 de dezembro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus, por atender minhas orações e pedidos nesses quatro anos de estudos e dedicação e, por não me deixar desistir diante dos obstáculos e dificuldades que enfrentei.

À minha família: Quero oferecer a vocês que fizeram/fazem parte de minha vida à conquista do primeiro diploma como Educadora Especial.

A meus Avós, Maria Joana e Joao Batista Brum, minha Mãe, Anilda Rasera (todos, *in memoriam*), junto com Meu Pai, Joceli da Silva Brum, minha irmã Jucéli e minhas sobrinhas Franciely e Leticia, pessoas de grande importância em minha vida e que me ensinaram os valores que podemos ter.

A meu esposo, José Renes Pinheiro: incentivador de toda essa caminhada rumo a minha formação, pelo seu carinho, amor, conhecimento científico e, principalmente, por sua dedicação. Por me trazer para um mundo novo, cheio de conquistas, me fazendo ver que o céu é o limite para quem quer fazer valer as mudanças de uma vida pacata. Você é muito importante em minha vida, obrigada por me tornar a mulher que hoje sou. Você é minha grande inspiração. Quero ser grande como você meu amor! Te amo para todo sempre.

Por fim, agradeço à minha professora e orientadora, Elisane Rampelotto, pelas orientações, ensinamentos, por me mostrar seus conhecimentos e estar sempre colaborando com materiais para a elaboração deste TCC. Sem a sua ajuda, talvez, eu não tivesse conseguido. És uma grande mulher. Obrigada por cruzar o meu caminho! Só tenho a agradecer!

Obrigada a todos!

RESUMO

LIBRAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR ACADÊMICOS OUVINTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – RS

AUTORA: Daiane Rasera Brum
ORIENTADORA: Elisane Maria Rampelotto

A disciplina de Libras está presente nos cursos de ensino superior, imprescindivelmente nos de formação de professores. Desta forma, o objetivo deste trabalho é tomar conhecimento a respeito de como se dá o processo de aquisição e aprendizagem da Libras por ouvintes no ensino superior, especificamente no Curso de Educação Especial, como prevê o Decreto 5626/2005, a disciplina de Língua Brasileira de Sinais - Libras deve fazer parte do currículo dos cursos de ensino superior, imprescindivelmente naqueles que visam a formação de professores. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é tomar conhecimento a respeito de como se dá o processo de aquisição e aprendizagem da Libras por ouvintes, no ensino superior, Investiga-se a aprendizagem da língua visual manual por estudantes ouvintes, bem como, a percepção desses estudantes em relação à aprendizagem da Libras, ao longo da trajetória acadêmica, verificando se os estudantes possuem dificuldades e quais seriam elas. A metodologia utilizada para a realização deste estudo é a pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, inserindo-se na modalidade do Estudo de Caso. Para realizar a coleta de dados, utilizou-se entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas a cinco acadêmicas do sétimo e oitavo semestres. Na revisão de literatura, realizou-se primeiramente um estudo bibliográfico acerca da formação do professor ouvinte até a inserção da Libras no currículo do Curso. A partir dos estudos de BRITO(1997,p.7),buscou-se referenciar a Libras como uma língua que passa pela experiência visual e também como é aprendida como segunda língua - L2 - por ouvintes. A partir da análise dos dados, observa-se que a maioria das acadêmicas não se sentem seguras em relação à aprendizagem/domínio da Libras. As acadêmicas destacam a necessidade de aumentar a carga horária da disciplina de Libras, apontando como indispensável o maior número de aulas práticas e, principalmente, maior proximidade e contato direto com a comunidade surda. Para encerrar esse estudo, é de fundamental importância afirmar que é na imersão junto ao surdo e no contato com o universo surdo que as acadêmicas poderão aprender e ter fluência na Libras.

Palavras-chave: Libras. Aquisição da L2. Educação Especial. Comunidade Surda

ABSTRACT

LIBRAS: EXPERIENCES LIVED BY HEARER ACADEMICS OF THE SPECIAL EDUCATION COURSE OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA - RS

AUTHOR: Daiane Rasera Brum
ADVISOR: Elisane Maria Rampelotto

The discipline of LIBRAS is presented in the courses of higher education, essential in the training of teachers and educators. In this way, the objective of this work is to learn about the process of acquisition and learning of Libras by listeners in higher education, specifically in the Special Education Course, as foreseen in Decree 5626/2005, the Brazilian Language of Signals - LIBRAS should be part of the curriculum of undergraduate courses, especially those aimed at teacher training. In this sense, the objective of this work is to learn about the process of acquisition and learning of Libras by listeners, in undergraduate education. It is investigated the learning of the visual language manual by hearer students, as well as the perception of these students in relation to the learning of Libras, along the academic trajectory, verifying if the students have difficulties and what they would be. The methodology used for the accomplishment of this study is the descriptive research of qualitative approach, inserting itself in the modality of the Case Study. To perform data collection, it was used semi-structured interviews that were applied to five students of the seventh and eighth semesters. In the literature review, a bibliographical study about the formation of the hearer teacher was carried out first until the insertion of Libras in the course curriculum. From the studies of BRITO (1997, p. 7), it was provide to refer to Libras as a language that passes through the visual experience and also how it is learned as a second language - L2 - by hearer ones. From the analysis of the data, it is observed that the majority of the academics do not feel safe in relation to the learning / dominion of the LIBRAS. The scholars emphasize the need to increase the hours of the discipline of LIBRAS, pointing out as indispensable the greater number of practical classes and, mainly, greater proximity and direct contact with the deaf community. To conclude this study, it is of fundamental importance to affirm that it is in the immersion with the deaf and in contact with the deaf universe that the academics can learn and have fluency in the LIBRAS.

Keywords: LIBRAS. Acquisition of L2. Special education. Deaf Communit.

SUMÁRIO

APRESENTANDO O ESTUDO	8
PARTE I	12
1. CONTORNOS METODOLÓGICOS	12
1.1 LOCAL E INSTRUMENTO DA PESQUISA.....	13
1.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	15
PARTE II	17
2. REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR OUVINTE: DO ORALISMO A INCLUSÃO DA LIBRAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UFSM.....	17
2.2 LIBRAS: UMA LÍNGUA QUE PASSA PELA EXPERIÊNCIA VISUAL.....	20
2.3 A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS COMO L2 POR OUVINTES.....	21
PARTE III	25
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	25
4. ENCERRANDO O ESTUDO	35
REFERENCIAS	37
APÊNDICE	39
APÊNDICE A - QUESTÕES DA PESQUISA	40
APÊNDICE B - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	41
ANEXO	44
ANEXO 1 - PROGRAMA DA DISCIPLINA: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS I	45
ANEXO 2 - PROGRAMA DA DISCIPLINA: LIBRAS I	47

APRESENTANDO O ESTUDO

Início a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, delineando minha trajetória e escolha pelo Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (doravante UFSM). Após concluir o Ensino Médio, fiquei anos sem estudar, então decidi que precisava trabalhar. Então, comecei a trabalhar no comércio como vendedora e lá fiquei por muitos anos.

No ano de 2011 passei a residir em Santa Maria (RS), uma cidade que sempre me chamou a atenção e que escolhi como opção para morar, trabalhar e quem sabe, estudar. O primeiro passo já estava estabelecido, o de fixar residência em Santa Maria (RS). E, estando mais próxima à Universidade, havia a possibilidade de pensar, tentar o sonho de ingressar no ensino superior.

Sem demora, decidi que gostaria de ter uma profissão. Mas qual opção dentre as inúmeras apresentadas no site da UFSM? A ideia que tinha era a de ser professora. No entanto, ainda não sabia em qual curso de licenciatura. Após analisar as várias possibilidades resolvi saber mais sobre o Curso de Educação Especial. Chamou-me a atenção às áreas e possibilidades ofertadas pelo Curso. Iniciei as leituras sobre o Déficit Cognitivo, Dificuldade de Aprendizagem e Surdez, foi quando decidi que queria ser Educadora Especial.

Um dos motivos que talvez estivesse implícito, mas que, de certa forma, aproximou-me do Curso de Educação Especial, foi o fato de ser madrinha do Ronaldo. Ele é um menino com deficiência, cujo diagnóstico é de Paralisia Cerebral, atualmente, Ronaldo, tem 15 anos de idade. Meu afilhado foi criado por uma tia materna, pois os pais não tiveram condições de assumi-lo. Desde pequeno, estabelecemos um vínculo muito forte com Ronaldo, como se fosse um filho.

Hoje, apesar das grandes dificuldades que possui Ronaldo na sua rotina, considero que foi a melhor escolha que fiz. Foi ele, sem dúvida, que me fez conhecer a condição de ser o Outro – o Outro da alteridade deficiente.

A partir do Estágio supervisionado na área da surdez, que realizei no primeiro semestre letivo do ano de 2017, na Escola Estadual Dr Reinaldo Fernando Coser em Santa Maria (RS), comecei a ter maior contato com a comunidade surda durante

a prática pedagógica com os alunos surdos. Foi dessa experiência que surgiu a ideia de realizar o estudo nesta área.

No prelúdio da prática pedagógica na escola de surdos, tive muitas dificuldades de interagir com os alunos surdos, pois não tinha domínio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), para, efetivamente, me comunicar com eles. Sentia-me despreparada e desconhecia totalmente o universo dos surdos, uma vez que, durante a minha formação no Curso de Educação Especial da UFSM, tivemos algumas disciplinas que direcionam especificamente a educação do sujeito surdo, são elas: Desenvolvimento Linguístico e Educação do Surdo, Libras I, Libras II, Libras III, Libras IV, Alternativas Metodológicas para o Aluno Surdo, A Avaliação e os Processos Culturais na Educação de Surdos, Ensino da Língua Portuguesa para Surdos e, Estágio Supervisionado/Surdez.

Por conseguinte, pude realizar algumas observações em turmas de alunos surdos na escola Cóser. Em virtude do pouco tempo de observação, não me senti inserida na comunidade surda e, talvez, por isso não percebi, na época, as minorias raciais, étnicas, linguísticas e muitas outras, como grupos diferentes, com identidades e culturas também diferentes.

De acordo com Rampelotto (2004) esta visão começou a ser problematizado baseado no surgimento dos estudos surdos em educação, o surdo passou a ser considerado dentro da sua diferença e a sua identidade formada no contato com seus pares e na utilização de uma língua natural, gestual visual que começou a ser reconhecida.

As comunidades surdas, com o passar do tempo, vêm se afirmando como comunidades que possuem uma língua e uma cultura própria para fazer valer seus direitos. Por esse motivo, a língua de sinais é ferramenta essencial na comunicação entre os surdos e surdos/ ouvintes.

Compreende-se por comunidades surdas um sistema geral, no qual um grupo de pessoas vive junto, compartilham metas comuns e responsabilidades entre si. Assim, como os sujeitos surdos estão inseridos em um ambiente cultural que envolve surdo e ouvinte entende-se como comunidade surda todos os envolvidos, ou seja, todas as pessoas que direta ou indiretamente se relacionam ao meio sociocultural da surdez. Sendo que:

[...] a transição da identidade surda vai se dar no encontro com o semelhante, onde novos ambientes discursivos estão organizados pela presença social dos surdos culturais. A aproximação dos surdos é o passo para o encontro com outras possibilidades de identidades surdas (PERLIN, 1998, p.32)

Com vistas à Perlin (1998), sobre aproximação dos pares surdos para o favorecimento dos encontros indentityrios, percebe-se a importância de fortalecer essas comunidades, pois ao considerar esses espaços de convivência, proporciona-se o contato surdo-surdo bem como surdo e ouvinte.

Foi no contexto da alteridade surda que busquei me dedicar mais e iniciei uma nova caminhada de questionamentos e dúvidas que me levaram, a saber, mais sobre os assuntos referentes à surdez. Nesse caminho, procurei estudar tudo que se referisse ao tema para o qual estou procurando respostas nesse momento. Assim, comecei a ler, estudar, observar os alunos durante o estágio e realizar a minha imersão na comunidade surda.

Hoje me encontro diante desta possibilidade de escrever sobre o surdo e o modo diferente de ser, de expressar e de conhecer o mundo desses sujeitos. O meu propósito, neste trabalho, é o de tomar conhecimento a respeito da aquisição e aprendizagem da Libras por ouvintes no ensino superior, especificamente no Curso de Educação Especial Diurno da UFSM. Quero problematizar: como estudantes ouvintes estão se apropriando da língua de sinais durante a formação acadêmica no Curso de Educação Especial da UFSM e, saber quais as dificuldades que encontram na aprendizagem de uma língua viso-manual? São questionamentos que pretendo responder no final deste Trabalho de Conclusão de Curso. Quanto ao objetivo Geral, nesse estudo pretende-se: Investigar o processo de aprendizado da língua visual manual por estudantes ouvintes no Curso de Educação Especial da UFSM; conhecer a percepção dos estudantes em relação ao aprendizado da Libras ao longo da trajetória acadêmica no curso que frequentam; verificar se os estudantes ouvintes do Curso de Educação Especial da UFSM possuem dificuldades (e quais são elas) no aprendizado da Língua Brasileira de Sinais.

A relevância de começar esse trabalho *Apresentando o Estudo se justifica* pelo fato de tencionar apresentar ao leitor como se deu meu interesse pelo tema a ser explanado, assim como, trazer a questão, isto é, o problema de pesquisa,

seguido dos objetivos que pretendo alcançar no decorrer do desenvolvimento desse estudo.

Na **Parte I**: apresento os *Contornos Metodológicos* da investigação, onde menciono o local, instrumento e sujeitos da pesquisa, esclarecendo como foi a coleta dos dados da pesquisa e como se deu a realização do questionário com as acadêmicas do Curso de Educação Especial para coleta dos dados.

Na **Parte II** trago a *Revisão de Literatura* onde faço referência no item 2.1: *Formação do Professor Ouvinte: do Oralismo a Inclusão da Libras no Currículo da Educação Especial*; 2.2 *Libras: Uma língua que passa pela Experiência Visual* e, 2.3 *A aquisição da Língua de Sinais como L2 por ouvintes*.

Na **Parte III** destaco os *Resultados e Discussões* dos dados coletados durante os meses de setembro e outubro deste ano (2017). Apresento os dados que embasaram a análise das respostas de todos os sujeitos participantes deste estudo.

E, para finalizar, *Encerrando o Estudo*, articulo os principais pontos encontrados na pesquisa com as contribuições para o campo da Educação Especial – área da surdez.

PARTE I

1. CONTORNOS METODOLÓGICOS

Segundo Gil (1999), assim como outros autores, é necessário definir uma metodologia, a qual norteará todo processo de busca e análise dos dados, os quais afirmam ou descartam uma hipótese inicial. Essa pesquisa, localizada na área da Educação precisa de dados concretos e um pesquisador atento em manter um nível de perguntas ou até mesmo um diálogo com outros sujeitos que estejam envolvidos nesse contexto educacional.

Nessa perspectiva, a pesquisa é todo um conjunto de ações que visam encontrar soluções para determinado problema que venha a ser proposto, usando processos científicos. É o que Richardson (1999) nos permite afirmar:

A única maneira de aprender a pesquisar é fazendo uma pesquisa. Outros meios, porém, podem ajudar. [...] exemplos concretos de história do êxito e fracasso, frustrações e satisfações, dúvidas e confusões, que formam parte do processo de pesquisa, produzem uma impressão bastante diferente daquela que surge da leitura de um relatório final de pesquisa. [...] as destrezas para resolver dificuldades rotineiras – tais como procurar bibliografia relevante ao problema pesquisado, transformar uma ideia em um problema de pesquisa, escrever um projeto e relatório final [...] a experiência lhe permitirá enfrentar as dificuldades e obter produtos adequados [...]. (RICHARDSON, 1999, p.15)

Como ação de pesquisa, é necessário que o pesquisador esteja sempre dialogando com a realidade. É a partir do cotidiano de vida profissional que o educador percebe necessidades e busca compreender as mudanças que o envolvem e são necessárias para enfrentar sua realidade. Por isso, é importante, um olhar atento aos fatos e situações diárias como algo óbvio, é necessário estranhar sempre compreendendo cada vez mais o cotidiano educacional, no qual nos movimentamos nas práticas pedagógicas que planejamos e desenvolvemos.

É na prática pedagógica junto ao aluno surdo que o/a acadêmico/a se depara com o enfrentamento da realidade e da necessidade de interagir com a comunidade surda. Neste contexto, aparecem as dificuldades de interação e comunicação que a maioria dos estudantes ouvintes do Curso de Educação Especial apresenta no contato com o aluno surdo.

Sendo assim, Pinto (1979) postula que o conhecimento é produzido pela reação de um sujeito frente ao meio que o cerca, tendo como principal objetivo manter-se vivo, dar respostas e sentir-se bem na realidade que habita.

Por isso, para Pinto (1979) conhecer é uma atitude racional, sensível e histórica, porque é resultado da práxis do ser humano, é validado e compartilhado objetiva e intersubjetivamente, e é uma ação vinculada entre o individual e o coletivo.

Conhecer implica em experiência e como afirma Larossa (2002, p.18-19) “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar forma, nos transforma”.

Este estudo será desenvolvido a partir de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa. Chizzotti explica que:

[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa [...]. (CHIZZOTTI, 2009, p. 79)

Conforme Gil (1999), as pesquisas descritivas têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Esse tipo de pesquisa utiliza questionários e observações.

1.1 LOCAL E INSTRUMENTO DA PESQUISA

Este estudo foi realizado no Curso de Educação Especial diurno, na UFSM, no prédio nomeado como Centro de Educação, durante o segundo semestre letivo, no ano de 2017.

É conduta em qualquer pesquisa científica apresentar um corpus para análise e, neste estudo, o instrumento utilizado para a coleta dos dados foi o Questionário. Esse instrumento foi encaminhado, via e-mail, aos sujeitos da pesquisa, caracterizando esta pesquisa como qualitativa- descritiva.

Segundo Silva & Menezes (2001, p.20), a abordagem qualitativa envolve técnicas padronizadas de coletas de dados, como questionários e observação sistemática. A escolha por essa forma e coleta de dados se justifica pela facilidade

de acesso aos sujeitos de pesquisa, bem como a rapidez do levantamento das respostas que o questionário propõe. Para Gil (1999, p.128), o questionário é definido como uma técnica de investigação que “tem como objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas”.

O questionário, segundo Gil (1999, p.128), “é uma técnica de investigação composta por um número grande ou pequeno de questões que são apresentadas por escrito, com objetivo de propiciar determinado conhecimento ao pesquisador”. Sobre a linguagem a ser utilizada no questionário Gil (1999, p.128) coloca que “deve ser simples e direta para que o sujeito que for responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado”.

O mesmo autor sugere que "todo questionário a ser enviado deve passar por uma etapa de pré-teste" (GIL, 1999, p.129) podendo ser aplicado inicialmente com alguns poucos sujeitos para que não correr o risco de erros. Mas, em virtude do tempo disponível para realizar o TCC, de apenas um semestre letivo, nesse estudo, não foi possível aplicar o pré-teste.

Quais as vantagens e as limitações do questionário? Gil (1999, p.128-129), destaca algumas vantagens obtidas a partir do instrumento do questionário. São elas:

Possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exija o treinamento dos pesquisadores; garante o anonimato das respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais convenientes; não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado. (GIL, 1999, p.128)

Destaca também algumas limitações:

[...] exclui as pessoas que não sabem ler e escrever, o que em certas circunstâncias, conduz a graves deformações nos resultados da investigação; impede o auxílio ao informante quando este não atende corretamente as instruções ou perguntas; impede o conhecimento das circunstâncias em que foi respondido, o que pode ser importante na avaliação da qualidade das respostas; não oferece a garantia de que a maioria das pessoas devolva-o devidamente preenchido, o que pode implicar a significativa diminuição da representatividade da amostra; envolve, geralmente, número relativamente pequeno de perguntas, porque é sabido que questionários muito extensos apresentam alta probabilidade de não serem respondidos; Proporciona resultados bastantes críticos em

relação à objetividade, pois os itens podem ter significado diferente para cada sujeito pesquisado. (GIL, 1999, p.128 – 129)

O questionário apresentado e realizado com sujeitos dessa pesquisa encontra-se no Apêndice A (p.44).

1.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com seis acadêmicas do 7º e 8º semestre do Curso de Educação Especial da UFSM e, para preservar a identidade das estudantes, utilizo, neste trabalho, a letra **A**, para identificar cada acadêmica sujeito da pesquisa. As letras serão seguidas dos números 1 à 6, de acordo com a realização de cada entrevista. A primeira entrevistada, A1, para a segunda A2 e, assim sucessivamente. Para aplicar as questões aos sujeitos da pesquisa deste estudo – às acadêmicas do Curso de Educação Especial diurno - parti de sete perguntas que estão no final do texto (Apêndice A).

Cabe ressaltar que questionário, por preferência das acadêmicas, foi enviado através do e-mail pessoal daquelas que já realizaram o Estágio supervisionado – área da surdez ou estão nos últimos semestres do Curso. Saliento que o envio do questionário, via e-mail para as participantes, foi sugestão das próprias acadêmicas alegando indisponibilidade de tempo para marcar local e horário para responderem as questões.

No quadro abaixo apresento os sujeitos que fizeram parte da pesquisa e como foram convencionados neste estudo. Também apresento o curso e semestre em que as seis acadêmicas encontravam-se quando responderam o questionário.

QUADRO 1: SUJEITOS DA PESQUISA

ACADÊMICAS	CURSO/SEMESTRE
A1	Educação Especial UFSM 8º semestre
A2	Educação Especial UFSM 8º semestre
A3	Educação Especial UFSM

	8º semestre
A4	Educação Especial UFSM 8º semestre
A5	Educação Especial UFSM 7º semestre

Fonte: Elaborado pela autora.

PARTE II

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR OUVINTE: DO ORALISMO A INCLUSÃO DA LIBRAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UFSM

É tradição da UFSM, desde 1960, a formação de recursos humanos na área da surdez. Por longos anos a forma de ensino para surdos esteve relacionada com a patologia, ou seja, o sujeito surdo deveria falar e ouvir de qualquer modo sendo necessário ser curado e reabilitado, pois era considerado falho biologicamente. Neste cenário, Perlin (1998, p. 58), coloca que “a exigência de que as crianças tivessem que aprender a falar oralmente, começa a deixar suas marcas na personalidade e no desenvolvimento cognitivo e linguístico” da alteridade surda. E, de acordo com Skliar (1997), o oralismo foi a marca influente na educação de surdos por razões políticas, filosóficas e religiosas, ignorando as questões educacionais, deixando, assim, sequelas no desenvolvimento psico-sociolinguístico dos surdos (SKLIAR, 1997).

Quase três décadas depois, no final de 1980, um novo enfoque, oposto àquele que predominava até então – começa a ser pensado na educação de surdos em Santa Maria (RS). Trata-se da Educação Bilíngue, entendida como “uma prática pedagógica cuja filosofia está presente a existência de uma língua natural – a Língua de Sinais – e a língua oficial do país” (RAMPELOTTO, 1993, p.37). Do ponto de vista do modelo sócio-antropológico da surdez, a Educação Bilíngue é tratada por antropólogos, linguistas e sociólogos, na década de 1960, quando esses despertam para as questões relacionadas aos surdos.

Na Educação Bilíngue observa-se que:

A LS é um aspecto fundamental no surgimento de uma comunidade; Os filhos surdos de pais surdos apresentam melhores níveis em seu desenvolvimento escolar, social e afetivo; Os filhos surdos de pais surdos apresentam níveis de leitura semelhantes aos do ouvinte e uma identidade equilibrada. (SKLIAR, 1997, p.6)

Nesta visão da Educação Bilíngue para surdos “a comunidade surda se origina em uma atitude diferente frente ao *déficit*, já que não leva em consideração o

grau de perda auditiva de seus membros” (SKLIAR, 1997, p.141). Ainda, este mesmo autor, coloca que a participação na comunidade surda se define:

Pelo uso comum da LS; Pelos sentimentos de identidade grupal; Pelo auto-reconhecimento e identificação como Surdo; Pelo reconhecer-se como diferentes e não como deficientes; Pelos casamentos endogâmicos; Como uma comunidade linguística minoritária diferente e não como um desvio da normalidade. (SKLIAR, 1997, p. 141)

A partir dessas colocações e de longos estudos e debates realizados pela comunidade de surdos de Santa Maria (RS), juntamente com professores da área da surdez, começa-se a pensar na institucionalização da Língua de Sinais como modalidade de comunicação do Surdo.

É bom lembrar que a implementação da Língua Brasileira de Sinais-Libras, na UFSM é bem recente. No que se refere especificamente à área da surdez uma das mudanças mais significativas no currículo do Curso de Educação Especial no ano de 2004, foi a inserção das disciplinas de *Língua Brasileira de Sinais I, II, III* e, mais tarde, foi introduzida a disciplina de *Libras IV*.

Anos antes de ser ofertada, enquanto disciplina obrigatória no currículo do Curso de Educação Especial, o ensino da Libras, teve seu início em Santa Maria (RS), em meados do ano de 1985, a partir da criação da Associação de Surdos de Santa Maria (ASSM). Na UFSM foi oferecido o primeiro Curso de Libras no segundo semestre letivo do ano de 1997. Curso realizado através de um Projeto coordenado pelas professoras Maria Alzira da Costa Nobre (linguista que hoje está aposentada) e Elisane Maria Rampelotto (orientadora deste TCC), como Atividade Complementar de Graduação (ACG). Também atuou, juntamente com as professoras responsáveis pela disciplina, para trabalhar a prática da Língua de Sinais, uma professora surda: Sonia Terezinha Messerschmidt.

O Programa que foi desenvolvido nesta ACG encontra-se no Anexo 1 (p.39). Este tipo de atividade complementar teve continuidade pelas professoras até o final do ano de 1999. Segundo Rampelotto (2004), com seu afastamento da UFSM para o doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e a aposentadoria da professora linguista, a disciplina deixou de ser oferecida, retornando, somente, após a reforma curricular do Curso de Educação Especial que aconteceu no ano de 2004 conforme dito acima. Assim:

Até o final do ano de 2003 em substituição à Disciplina Complementar de Graduação, existiu um projeto, coordenado por um professor do Departamento de Educação Especial que desenvolvia a prática da Língua de Sinais, mas que, muitas vezes, pela falta de recursos financeiros para pagar um instrutor surdo deixava de ser realizada. Com a reforma curricular e alterações do Curso de Educação Especial, que concebe o professor egresso como um profissional generalista, é oferecido como disciplina regular do curso: Língua Brasileira de Sinais I, II, III. (RAMPELOTTO, 2004, p.21)

O Curso de Educação Especial atualmente com duração de oito semestres, atende as três áreas propostas pelo Projeto Político Pedagógico no intuito de formar um profissional generalista na área.

O currículo do Curso de Educação Especial (633) foi criado em 2004, compondo a grade com as disciplinas de *Libras I, II e III*. Em decorrência da análise seguida das sugestões de professores do Departamento de Educação Especial, membros do colegiado e alunos, o currículo sofreu algumas reformulações no ano de 2007. Assim, em consequência de mais esta reformulação é acrescida a *Libras IV* como disciplina obrigatória ao currículo.

No Quadro abaixo seguem as quatro disciplinas de Libras com o código, tipo (se são optativas ou obrigatórias), e o semestre que são ofertadas pelo currículo atual do Curso de Educação Especial diurno da UFSM:

QUADRO 2: DISCIPLINAS DE LIBRAS

NÚCLEO POR CATEGORIAS-LIBRAS (Disciplinas Teóricas e Práticas)				
CÓDIGO	NOME DA DISCIPLINA	TIPO	CH	Semestre
EDE 1012	LIBRAS I	OBR	30	3º
EDE 1015	LIBRAS II	OBR	30	4º
EDE 1019	LIBRAS III	OBR	30	5º
EDE 1022	LIBRAS IV	OBR	30	6º
Carga Horária Disciplina LIBRAS 120hs				

Fonte: UFSM/Prograd/Cursos/Licenciatura em Educação Especial

Essas quatro disciplinas (*Libras I, II, III e IV*), que são desenvolvidas no curso tem como objetivos:

QUADRO 3: OBJETIVOS DAS DISCIPLINAS DE LIBRAS

LIBRAS I	Proporcionar o conhecimento da história surda e o aprendizado básico da Língua de Sinais-LS.
LIBRAS II	Adquirir conhecimentos linguísticos sobre Libras, sendo capaz de usa-los nas interações comunicativas com as comunidades surdas.
LIBRAS III	Conhecer a Comunidade, Identidade e Cultura Surda e o aprendizado da Libras, sendo capaz de realizar interações comunicativas com a comunidade surda.
LIBRAS IV	Aprofundar os conhecimentos sobre as organizações e práticas sociais (educação, cultura, identidade), e o aprendizado da Libras sendo proficiente nas interações comunicativas junto à comunidade surda.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora

2.2 LIBRAS: UMA LÍNGUA QUE PASSA PELA EXPERIÊNCIA VISUAL

Antes de falar sobre a estrutura da Língua de Sinal é importante mencionar o significado de experiência visual neste contexto que está ancorada a educação de surdos. Segundo Perlin e Miranda:

A experiência visual significa a utilização da visão (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218)

As línguas de sinais são línguas articuladas por gestos com uso das mãos, face e corpo, percebidos visualmente, e se caracterizam por elementos simultâneos que acontecem num espaço articulatório limitado. É uma modalidade de língua que surge, a partir de longas e constantes lutas da comunidade surda e pelo reconhecimento da língua.

São línguas que passam pela experiência visual, são consideradas um sistema linguístico como as demais línguas e, por isso podemos dizer que possuem “uma estrutura, composta por elementos formais e regras combinatórias, semelhante a qualquer língua oral” (Nobre e Rampelotto, 2008, p.25). Complementando as autoras, a Língua de sinais, é composta de elementos como, gramática semântica,

pragmática, sintaxe e outros, preenchendo assim, o requisito científico para se considerar instrumental linguístico de poder e força.

A Libras é usada pelos surdos que vivem em cidades do Brasil onde existem comunidades surdas, ela não é universal, mas possui regionalismos, que se diferem de região para região. É declarada como a língua natural dos surdos brasileiros e, sendo assim precisa ser adquirida como primeira língua por esses sujeitos. Foi na década de 1960 que o linguista William Stokoe realizou um estudo da Língua de Sinais Americana e, pela primeira vez, a Língua de Sinais ganha o status de Língua, ou seja, "como um sistema linguístico usado para a comunicação entre pessoas surdas e adquirido como primeira língua por pessoas que não podem ouvir nenhuma língua falada e por filhos de pais surdos" (STOKOE, 1960, p.3).

Hoje se podem verificar os vários estudos demonstrando que a Língua de Sinais apresenta uma organização neural semelhante à da língua oral, ou seja, que está língua se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas. Assim como nas línguas orais, também as línguas de sinais apresentam um período crítico para sua aquisição. Quanto mais cedo o contato com a língua (oral ou de sinais), mais cedo se adquire e também se aprende.

2.3A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS COMO L2 POR OUVINTES

Investiga-se a aprendizagem da língua visual manual por estudantes ouvintes, bem como a percepção dos estudantes em relação à apreensão da Libras ao longo da trajetória acadêmica, verificando se os estudantes possuem dificuldades e quais são elas, dessa maneira a partir do Decreto 5626/05, que garante a Libras como direito a todos os sujeitos surdos, em seu Art.3º estabelece que:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (DECRETO 5626/05, art. 3º)

Pelo Decreto nº 5.626/05, a Libras passa a ser componente curricular obrigatório nos cursos de formação de professores e fonoaudiólogos, mas é opcional para os demais cursos a nível superior. A partir da regulamentação do decreto,

mencionado acima, programou-se efetivamente nos currículos das Universidades, o ensino da Libras para ouvintes. Assim, se explica que ao considerarmos as metodologias de ensino de Libras praticadas para ensinar alunos surdos não se contemplara o ensino da Libras para ouvintes, tudo porque a Língua Portuguesa e a Libras empregam dimensões sensoriais diferentes e, portanto, métodos distintos em suas especificidades linguísticas.

As distinções entre as modalidades oral-auditiva e viso-gestual são esclarecidas por Brito (1997), quando explana que.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais (BRITO, 1997, p.2)

A comunicação em Língua de Sinais requer o uso de uma língua espaço-visual, diferentes das línguas orais auditivas usadas por falantes ouvintes. Portanto, a Libras é considerada a primeira língua dos surdos, e para os ouvintes como uma segunda. Assim, o português escrito (PE), é considerado como a segunda língua para os surdos brasileiros e o português oral a primeira língua das pessoas ouvintes/falantes.

É oportuno registrar aqui algumas diferenças entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa conforme Quadros (2004):

A Língua de Sinais é visual-espacial e a Língua Portuguesa é oral-auditiva; a Língua de Sinais é baseada nas experiências das comunidades surdas mediante as interações culturais surdas, enquanto a Língua Portuguesa constitui-se baseada nos sons; a Língua de Sinais apresenta uma sintaxe espacial incluindo os chamados classificadores. A Língua Portuguesa usa uma sintaxe linear, utilizando a descrição para captar o uso de classificadores; a Língua de Sinais utiliza a estrutura tópico-comentário, enquanto a Língua Portuguesa evita este tipo de construção; a Língua de Sinais utiliza a estrutura de foco através de repetições sistemáticas. Este processo não é comum na Língua Portuguesa; a Língua de Sinais utiliza referências anafóricas através de pontos estabelecidos no espaço, o que exclui ambigüidades, as quais são possível na Língua Portuguesa; a Língua de Sinais não tem marcação de gênero, enquanto que na Língua Portuguesa o gênero é marcado, a ponto de ser redundante, o que envolve escrever a última letra como “a” para feminino e “o” para masculino; a Língua de Sinais atribui um valor gramatical às expressões faciais. Esse fator não é considerado como relevante na Língua Portuguesa, apesar de poder ser substituído pela prosódia; coisas que são ditas na Língua de Sinais não são ditas usando o mesmo tipo de construção gramatical na

Língua Portuguesa. Assim, encontramos diversos contextos que em Português consideraríamos grande enquanto que em Libras poderá ser feito com apenas um sinal; a escrita da Língua de Sinais não é alfabética. (QUADROS, 2004, p. 94)

Ao longo da história da educação de surdos houve várias batalhas a serem vencidas até o reconhecimento da língua gestual visual. As comunidades surdas, através dos movimentos surdos, atualmente estão lutando pela educação bilíngue.

Também é interessante mencionar e incluir questões relacionadas aos mitos que por muito tempo existiram e para alguns ainda existem até hoje, sobre as línguas de sinais. Os mitos representam:

[...] julgamentos superficiais sobre a natureza da LS e acentuam as diferenças entre esta e as línguas orais. Essas diferenças existem: a LS é um código linguístico cujo meio é gestual e não sonoro, cujo canal de percepção é visual e não auditivo, e cuja expressão é cinética e não verbal. (NOBRE; RAMPELOTTO, 2008, p.28-29)

Entre os mitos mencionados por Nobre e Rampelotto cita-se: (1) Relação com Línguas Orais – ainda hoje se pensa que as línguas de sinais são como as línguas orais, com a diferença de que são expressas manualmente letra por letra. Mas sabe-se que isso não estabelece uma língua. A estrutura da Libras e da Língua portuguesa são diferentes, ou seja, “um sinal não corresponde necessariamente a uma palavra, nem no significado nem no uso ou na sua interação com outros elementos da frase” (NOBRE e RAMPELOTTO, 2008, p.27). (2) Iconicidade e Transparência – existe a crença de que os sinais são icônicos ou representacionais, ou seja, que representa com exatidão aquilo que é rapidamente decodificável como, por exemplo, o sinal de *caminhar*. O significado é transparente. (3) Conteúdo e Expressividade Limitada – é outro mito que diz que as línguas de sinais são restritas no ‘aqui e agora’, sendo privadas de recursos gramaticais e lexicais. Também diz que é inadequada para passar conteúdos subjetivos. Contudo, sabe-se que “há peças teatrais, poesias, anedotas e trocadilhos em língua de sinais” (NOBRE e RAMPELOTTO, 2008, p.28).

Dito isso, é importante trazer neste capítulo o que traz a literatura sobre a aquisição da Libras como L2 por ouvintes. Para Medeiros:

No aprendizado da Libras o sujeito ouvinte precisará desenvolver mecanismos diferentes daqueles utilizados na comunicação em sua primeira língua (falada). Torna-se claro que a língua de sinais envolve dimensões sensoriais até então pouco utilizadas e é neste aspecto que o aprendizado da Libras diferencia-se do aprendizado de uma língua estrangeira (MEDEIROS E GRAFF, 2012, p.8-9)

Uma questão que diferencia o aprendizado da Libras é “que a turma esteja organizada em semicírculo, de forma a preservar o contato visual com o professor e entre os colegas” (MEDEIROS, GRAFF, 2012, p.9) Isso porque as línguas de sinais são apreendidas visualmente e acontecem num espaço de sinalização bem delimitado. A atenção do olhar é indispensável para que a comunicação aconteça com pessoas surdas. Sendo assim, você precisa olhar, pois caso contrário não saberá o que está sendo dito. Portanto, para Medeiros e Graff:

Atividades de percepção visual são de extrema importância, já que o aluno precisa disciplinar seu olhar e atenção àquilo que o outro sinaliza, produzindo a tradução da fala. Isso se dá porque é comum que um ouvinte não tenha a mesma concentração visual de um surdo, já que está exposto a inúmeros estímulos auditivos. (MEDEIROS, GRAFF, 2012, p.9)

Destarte, para aprender Libras os ouvintes precisam de disciplina e atenção para usar a visão. Além do contato visual, Medeiros e Graff (2012) colocam que para que pessoas ouvintes efetivamente aprendam a língua de sinais é preciso que façam contato com a comunidade surda para assim praticarem o que aprenderam. As mesmas autoras ainda colocam que:

O processo de aquisição da língua de sinais como segunda língua por ouvintes deve se fundamentar no intuito de priorizar o ensino de sinais de forma contextualizada, buscando o sentido da palavra atribuído em cada contexto. Durante este processo torna-se possível perceber as especificidades da Língua Portuguesa e da Libras, atuando no campo das diferenças e também das semelhanças (MEDEIROS E GRAFF, 2012, p.10)

Portanto, para que a aprendizagem da Libras por ouvintes aconteça efetivamente é necessário fazer a imersão na comunidade surda. É sem dúvida, no contato e com a prática da língua que o ouvinte aprenderá a língua de sinais.

PARTE III

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A comunicação entre comunidades que falam línguas distintas cria grandes barreiras para os sujeitos que não são fluentes em uma língua que não é a natural a deles. Mas, se houver interação entre as línguas diferentes, se torna possível o aprendizado, a partir das trocas linguísticas / culturais. Como o cerne desse estudo é a aprendizagem da Língua de Sinais por ouvintes, sabe-se que, assim como qualquer outra língua, ela precisa de contato com seus usuários – neste caso os surdos. Não tendo o contato e sem uso contínuo a língua se perde, visto que ela não constitui a língua materna do sujeito ouvinte que está a aprendendo. Dessarte, muitas vezes torna-se um problema de comunicação, uma vez que o sujeito ouvinte fica inseguro de se comunicar com o surdo.

Por conseguinte, apresento uma análise pautada nas questões do questionário e nas respostas dos sujeitos. A seguir as perguntas, respostas e análise.

1. Você aprendeu Libras no período em que fez o Curso de Educação Especial?

Na primeira pergunta do questionário, as acadêmicas foram indagadas sobre sua aprendizagem da Libras durante o Curso. As respostas foram diferentes, algumas responderam que haviam aprendido e outras que não. Algumas relataram ter aprendido somente o básico, bem como, dissertaram sobre a falta de um maior contato com a comunidade surda, para que as acadêmicas desenvolvessem maior aprendizado da Libras. Podemos perceber nas respostas das participantes quando questionadas sobre a aprendizagem da Língua de Sinais:

(A4) Aprendi o básico, como a gramática, os classificadores e os sinais no geral.

(A5) Aprendi pouco. Um básico, não para conversação, nem para um diálogo, nem para a compreensão de uma frase. Mas algumas palavras

soltas, e por ter muito interesse e facilidade com o conteúdo, conseguia aprender algumas palavras. Mas com as disciplinas de LIBRAS ofertadas pelo curso, apenas algumas frutas, algumas cores, animais... Nada que eu pudesse usar para um dia me comunicar com um aluno surdo, em um estágio, ou até mesmo um dia-a-dia.

As falas das acadêmicas **A4** e **A5** revelam que ambas aprenderam apenas “o básico” da Língua e, o que sabem da Libras não é o suficiente para que elas mantenham uma conversação. Apoiados nessa questão, podemos verificar o quanto é importante que a Língua de Sinais seja mais destacada nos cursos, com uma maior carga horária e mais inserção do sujeito ouvinte com o surdo. Seria de grande valia que a disciplina de Libras pudesse ser ofertada do início ao final do curso, além de reivindicarem mais aulas práticas em meio às comunidades surdas e com auxílio do professor surdo em sala de aula para ensinar a disciplina. Alicerçados em Reyli, entendemos que a autora faz uma menção em relação ao professor surdo atuar em sala de aula, “[...] o professor surdo pode estabelecer esta interação dos ouvintes com a língua de sinais.” (REYLI, 2008, p.125). A autora afirma que, se as aulas forem regidas com professores surdos, os alunos conhecerão mais a língua e o domínio da comunicação será mais bem sucedido.

2. Qual a imersão na comunidade surda que você tem/teve durante a formação Acadêmica?

Dentro de uma cultura surda, sabemos que os elementos e os estímulos visuais são de grande importância na vida dos surdos e, deve ser de extrema importância que o sujeito ouvinte esteja imerso ao mundo surdo para que consiga interagir com naturalidade em meio ao surdo. Thoma menciona que:

Uma língua só pode ser utilizada em contato com outros sujeitos, portanto em comunidade. Em comunidade, os valores e experiências são compartilhados e vai engendrando modos de ser e estar no mundo e esses valores e experiências constituem aquilo que chamamos de cultura. Em um contexto cultural comunitário, identidades ou modos de ser surdo são constituídos. (THOMA, 2011, p.3)

Desta forma, se faz tão importante que a imersão e o contato com os surdos, sejam mantidos do início e percorram toda a formação dos sujeitos. A Língua de

sinais é, sem dúvida, muito importante para a comunidade surda e sendo tão importante ela se torna base para que o ouvinte consiga manter relações dentro e fora das comunidades.

(A3) *Durante as quatro disciplinas do curso, lembro-me do contato com a professora X, que é surda e nos ensinou muito. Mas, fora esse contato da sala de aula com a professora, não me lembro de ter atividades extras em contato com a comunidade surda. Na disciplina de Desenvolvimento Linguístico para alunos surdos, realizamos uma visita à escola Coser, mas foi para conhecermos apenas.*

(A4) *Tivemos pouco contato com a comunidade surda anteriormente ao estágio obrigatório no sétimo semestre do curso....*

(A5) *A imersão que tive na comunidade surda durante a faculdade, foi particular. Eu senti vontade de aprender mais, e pedi para a professora que me dava aula na época, como faria para aprender mais, e então entrei em um Curso de Libras, comecei a me inserir nos grupos de estudos da área dentro da UFSM, comecei a fazer pesquisas e ser apresentada na comunidade surda por uma professora, nas igrejas para interpretar, em pequenos eventos da surdez, fazendo amizade com surdos e sendo convidada por eles, para interpretar eventos para eles, e também em grupo de estudos que eles estavam inseridos.*

Assentes no relato das acadêmicas, podemos ver que a maioria teve pouco contato com surdos e, uma delas declara não ter feito imersão na comunidade surda. É de supor então, que se fosse prevista a prática da imersão na comunidade surda, ou seja, o contato direto das acadêmicas com surdos. Com isso, nos toca a questão: elas (as acadêmicas ouvintes), estariam em condições favoráveis ao aprendizado da Libras?

Percebe-se, no entanto, que as acadêmicas sentem necessidade de procurar estabelecer contato com a comunidade surda. Os surdos em sua comunidade se

identificam entre si, mas muitos deles têm em sua família ouvintes e a comunicação fica acessível porque desde cedo eles convivem imersos no mundo surdo.

3. Você se sente segura/o quando precisa se comunicar e interagir com o surdo utilizando a Língua de Sinais?

Para que haja o desenvolvimento do ser humano é preciso que aconteça interação, visto que é aonde irão se constituir as relações sociais. A interação entre os surdos e os ouvintes se torna inerente à fluência na língua de sinais, sendo que essas relações se tornam aprendizado de ambas às partes. Se há interação, há trocas de experiências. Para ter fluência em outra língua é necessário muito contato com membros de comunidades surdas, pelo fato de que, inserido nesse meio, o sujeito se desenvolverá melhor, e viverá em sintonia na cultura dos surdos.

(A1) *Como já finalizei a carga horária exigida no Núcleo por Categorias – Surdez, bem como o estágio supervisionado em Surdez, atualmente encontro-me sem contato com a Língua, desta forma esquecendo grande parte dos sinais. Hoje em dia não sinto segurança ao me comunicar e interagir com outro surdo utilizando a Língua de Sinais.*

(A2) *Não, mesmo eu tendo feito outros cursos além das disciplinas ofertadas pelo curso, ainda me sinto insegura.*

(A3) *Não me sinto segura para um longo diálogo. Durante as disciplinas aprendemos muito, mas como nós não tivemos contato com surdos, para que pudéssemos colocar em prática, e quando chega o momento do estágio, muitas coisas já esquecemos. A Libras é como qualquer outra língua, necessita de contato e de treino e não tivemos no período das disciplinas.*

(A4) *Não, nosso aprendizado na graduação com relação a Libras nos ensina sinais, estrutura gramatical que é diferente da LP. No entanto, existem poucos espaços para conversarmos em Libras ou ter contato com o surdo anteriormente ao estágio, pois a grande maioria chega insegura*

para ministrar uma turma a qual seus frequentadores têm a Língua de sinais como língua materna.

Entre os diferentes fragmentos das respostas obtidas com os questionamentos, percebe-se que a grande maioria das acadêmicas não se sente segura, ao interagirem com o surdo. Para que haja interação é preciso constituir relações sociais. É nessa interação que desempenhamos um papel fundamental na formação individual de cada sujeito, porque ninguém se desenvolve sozinho, é preciso que esteja inserido dentro de grupos, fazendo trocas de experiências para conseguir se sentir imerso e seguro em um mundo diferente do seu.

Percebe-se que as acadêmicas não se sentem seguras na comunicação em Libras, deixando clara a importância de aprender a língua espaço-visual. Sabe-se que o aprendizado da Língua de Sinais por ouvintes não é diferente de outras línguas, mas fica claro que somente mantendo contato é que o sujeito realmente aprendera e por esse motivo a importância de participar das rodas de surdos ou comunidades surdas. Segundo Almeida (2000, p.3), “Surdos e ouvintes tem línguas diferentes, mas podem viver em uma única comunidade, desde que haja mutuo de aproximação pelo reconhecimento das duas línguas, tanto por ouvinte como por surdo”.

4. Você possui/possui dificuldades no aprendizado das Libras?

Não se pode afirmar que não exista dificuldades no aprendizado da Libras, porquanto ela é a língua natural dos surdos brasileiros, segundo Nobre e Rampelotto (2008, p.25), “implica em reconhecer que possui uma estrutura, composta por elementos formais e regras combinatórias, semelhantes a qualquer língua oral.” Logo, deverá estar bem enriquecida em seu aprendizado para que não haja desconforto e nem dificuldades para a comunicação com o surdo.

(A1) *Sim, Principais dificuldades são na compreensão e na formação das frases e também na rapidez em que os sinais são realizados.*

(A2) *Não.*

(A4) *Sim, Na comunicação com o sujeito surdo, em formular as frases na estrutura e sequência correta.*

Os fragmentos acima expressam a dificuldade que as acadêmicas apresentam referente a Libras, elas, em sua maioria, reafirmam a dificuldade que possuem em aprender a falar com as mãos.

Ao aprendemos uma nova língua, devemos manter contato frequente com o sujeito ou comunidade que usa e domina esta língua. E, na falta de contato e interação com quem a usa, todo esforço em dominá-la cai no esquecimento.

A quinta pergunta realizada deteve-se as disciplinas curriculares oferecidas às acadêmicas durante o Curso de graduação. O questionamento está relacionado ao domínio da Libras, pelas estudantes, durante o curso. Vejamos:

5. As disciplinas de Libras ofertadas pelo Curso de Educação Especial são suficientes para que você tenha domínio da língua visual manual?

Seria oportuna a oferta de uma maior carga horária no currículo da disciplina de Libras, enfatizando um número maior de aulas práticas junto às comunidades surdas. É no contato e interagindo com a Libras que as acadêmicas ouvintes poderão aprender e ser fluentes nesta língua.

(A1) *Acredito não serem suficientes, como também que as disciplinas da área de surdez deveriam ser ofertadas desde o início das demais disciplinas específicas, visto que pouco se discute sobre, no início da graduação.*

(A2) *Não, dá pra ter uma noção do básico, mas não é o suficiente para interagir com os surdos.*

(A3) *Acredito que sim, quatro disciplinas de Libras é uma quantidade boa de disciplinas para aprender muita coisa. Mas, se eu pudesse mudar uma coisa nessas disciplinas, seria a carga horária, aumentaria a carga horária prática.*

(A5) *As disciplinas ofertadas pelo curso não são suficientes para ter um domínio da LIBRAS.*

É de extrema relevância destacar que “o ato de ensinar, além da fluência linguística, requer também formação específica”. (Gesser, 2012, p. 73). Contudo, quem poderia melhor ensinar Libras para ouvintes? Esta é uma questão que Gesser (2012) responde, partindo de um estudo realizado por Kanda & Fleischer (1988), na qual irá apontar seis significativos atributos do profissional que ensina Libras. São eles:

(1) é preciso respeitar a língua e a história das pessoas surdas, o que inclui entender o papel que a língua de sinais ocupa na vida dos surdos; (2) os professores de sinais têm de se sentir confortáveis na comunidade surda, isto é, além de mostrar domínio na língua, devem também compreender as culturas surdas; (3) devem ter sua formação em áreas que contemplem conhecimento com base em princípios pedagógicos e linguísticos; (4) os professores devem ter conhecimento do arsenal de teorias em torno da aprendizagem de segunda língua e suas perspectivas metodológicas; (5) devem estar engajados no próprio crescimento pessoal e profissional; (6) são seres humanos, passíveis de falhas, mas que estão fazendo um positivo movimento social, quando se dão conta de seus alunos comecem a conviver e a se comunicar com as pessoas surdas. (GESSER, 2012, p.75)

Retomando as diferentes respostas dos sujeitos da presente pesquisa, percebe-se que as acadêmicas queixam-se de pouco contato com o surdo, frisamos, novamente, que a convivência é essencial para a fluência de qualquer língua, também a Língua de Sinais que representa um modo diferente de ser, de se expressar e de conhecer o mundo, isto é, uma língua que contempla a experiência visual.

6. Qual a sua opinião em relação ao aprendizado da Libras por acadêmicos/as ouvintes do Curso de Educação Especial?

(A1) *Como em todos os processos de aprendizagem, são existentes as fragilidades, mas não podemos destacar a importância do aprendizado da Língua, para os acadêmicos, e sinalizo aqui que não apenas para a Educação Especial, e sim para as demais licenciaturas que vivenciam nas escolas dificuldades de comunicação com alunos surdos, presentes nas salas de aulas. De fato, podemos afirmar que as disciplinas ofertadas*

pelos cursos contribuem para a formação dos acadêmicos, como também, para as relações que estabeleceremos futuramente.

(A2) *Para a grande maioria é bastante lenta e difícil, talvez porque é 2 horas uma vez por semana, o que é bem pouco. Porém tem aqueles que têm pegam rápidos os sinais, daí fica fácil aprender.*

(A3) *Eu acho de extrema importância, principalmente por ser nosso público alvo de ensino e de termos o estágio na escola para surdos e que exige um bom aprendizado e conhecimento na área da surdez. Mas não só para o curso de Educação Especial, mas para todos os cursos, pois a Libras é uma língua como qualquer outra e necessita ser entendida para haver uma comunicação entre as pessoas.*

(A5) *A minha opinião em relação ao aprendizado da Libras com os acadêmicos, é básico. Acredito que essas disciplinas poderiam sim, ajudar a introduzir os acadêmicos na área da surdez. Mas por vezes, o que a meu ver, o que acontece é um afastamento, por medo da comunicação, por achar que aprendeu apenas o básico e não sente segurança para ir e/ou gostar da área da surdez.*

Estamos inseridos/as em meios sociais com várias diferenças, formas de viver, culturas, línguas, diferenças sujeitas ao surgimento de preconceitos, que nos fazem mudar e nos impedem de levar adiante conceitos diferentes para viver em sociedade.

O aprendizado da Libras deveria ser uma prática inserida em todos os cursos e níveis escolares. Onde surdos e ouvintes pudessem dialogar juntos, aprender juntos, em um espaço onde prevalecesse o direito em termos de reconhecimento da língua de sinais e identidade surda.

O sétimo e último questionamento refere-se a:

7. Como acadêmico do Curso de Educação Especial, você teria algo a reivindicar ou sugerir sobre o ensino da Libras durante o curso? Qual a sua opinião sobre a carga horária ofertada nas disciplinas de Libras? Elas são suficientes para que você adquira a língua viso manual?

Trago todos os fragmentos, na íntegra, para que se reflita sobre as sugestões das acadêmicas diante da realidade que estão vivenciando na prática no Curso de Educação Especial:

(A1) *Acredito que o contato com a Língua de Sinais necessitaria ser mais de uma vez na semana e a carga horária da disciplina maior, visto que os alunos chegam à escola para atuação do seu estágio, por vezes, sem o domínio da Língua.*

(A2) *Sim, acho que o professor (a) de Libras deveria ser surdo ou até mesmo ouvinte e que a disciplina deveria começar já no primeiro semestre e se estender até o sétimo. Entre esses semestres os alunos deveriam ter algum tipo interação com os surdos para que quando chegassem ao estágio (que deveria ser o último semestre) eles já tivessem um certo domínio na língua de sinais, o que lhe possibilitariam uma integração maior com os surdos.*

(A3) *Assim como disse em uma resposta anterior, aumentaria a carga horária das quatro disciplinas, aumentaria as atividades nas escolas com alunos surdos incluídos ou até mesmo na escola para surdos aqui de Santa Maria, porque durante o curso aprendemos muitas coisas, mas que acabam sendo perdidas e esquecidas até a hora do estágio em que devemos colocar em prática o nosso aprendizado.*

(A4) *Acho que sugerir mais encontros com a comunidade surda, promover espaços onde haja a troca cultural entre ouvinte e surdo, pois só tem a somar para ambos. Acredito que a carga horária da disciplina LIBRAS ofertada ao curso é pouco para a demanda que temos a cumprir. São suficientes para aprender a Libras, mas não para nos dar a segurança na comunicação com a comunidade surda.*

(A5) *Como acadêmica e por estar imersa na área da surdez, gostaria de sugerir que as cadeiras de Libras, tivesse mais conteúdos, e se necessário, mais uma cadeira, para ajudar a ampliar o conhecimento na*

língua. E ser necessário, pelo menos umas 10 horas de prática na comunidade surda. Como as observações que existem em algumas cadeiras, para compreender na prática.

Pautados nas respostas de todas as acadêmicas, entendemos que elas concordam com a necessidade de se aumentar a carga horária da disciplina (como já foi apontado antes), disponibilizando maior contato com a prática junto à comunidade surda. Assim, como coloca Gesser (2012):

Todo o aluno de um curso formal de aprendizagem de Libras tem também de ter a oportunidade de interagir com outros surdos para além das paredes da sala de aula. Isto será importante não apenas sob o aspecto da validação de uso em situações reais de uma língua adicional, mas também para se por em funcionamento práticas sociais mediadas na Libras com as inúmeras possibilidades de contato ouvinte com outros surdos e outras variedades linguísticas. (GESSER, 2012, p.75-76)

Em vista disso, na possibilidade de interagir com a língua espaço visual é que acontece o aprendizado da língua. Dessa maneira, as acadêmicas podem comunicar a partir da língua em suas práticas, com mais segurança e propriedade.

Atualmente, o interesse pela língua de sinais ultrapassa os muros da academia, muitas vezes torna-se proveitoso buscar as aulas individualmente, como fazem algumas acadêmicas, principalmente àquelas que desejam atuar na área da surdez.

Isto posto, nem todas as acadêmicas optam em trabalhar com surdos e, conseqüentemente, comunicar-se em língua de sinais. É preciso criar alternativas para que a cada dia as estudantes do Curso de Educação Especial tenham interesse em aprender e, principalmente, dominar a Libras, pois, na profissão de educar surdos, a interação, segundo Gesser (2012)

[...] tem um papel fundamental para os alunos, pois a conversa não ocorre isoladamente. Ninguém aprende uma língua para “monologar”. As negociações interacionais e etiquetas conversacionais são parte da cultura de uma comunidade linguística, mesmo que leve um tempo para o aluno se familiarizar com elas, mas cabe ao professor promover situações concretas e reais do uso da língua-alvo e trabalhar estes elementos. (GESSER, 2012, p.135)

Por conseqüência, talvez, as acadêmicas que escolherem o Curso de Educação Especial - área da surdez - sejam beneficiadas com a aprendizagem e domínio de uma língua que passa pela experiência visual.

4. ENCERRANDO O ESTUDO

Ao desenvolver esse trabalho, objetiva-se conhecer a realidade dos acadêmicos, em relação ao aprendizado da Libras, na Universidade Federal de Santa Maria (RS). Apesar do pouco tempo para elaborar e aplicar o questionário aos sujeitos desse estudo obtiveram-se dados suficientes para analisar como as acadêmicas do Curso de Educação Especial de Santa Maria estão se apropriando da Libras ao final do curso. Com base na análise dos dados, observa-se que, a maioria das acadêmicas, não se sentem seguras em relação ao domínio da Libras.

Desse modo, os sujeitos participantes desse estudo, destacam alguns movimentos que são necessários para aperfeiçoar o conhecimento/domínio da língua espaço visual. Entre esses movimentos, está o aumento da carga horária da disciplina, apontando como indispensável maior número de aulas práticas e, principalmente, mais contato direto com a comunidade surda. É, portanto, na imersão junto ao surdo, ou seja, entrando em contato com o universo surdo que elas (as acadêmicas), poderão aprender a Libras. Estudiosos e autores que se dedicam a estudos aprofundados sobre aprendizagem de segunda língua (L2) dizem que a experiência inicial do aprendizado de qualquer língua, seja oral ou não, é rodeada por uma insegurança considerada natural. Para aprender uma nova língua, que não passa pela audição, o ideal é desenvolver a percepção visual e atenção em tudo que a cerca, fazendo uso dos gestos e expressões corporais estimulando a comunicação.

Esse estudo aponta para a necessidade de que se continuem os esforços em prol da melhoria do ensino e aprendizado da Libras, pois nos dias de hoje o contato com o surdo está presente no cotidiano da sociedade ouvinte. Os surdos não vivem isolados em suas comunidades, eles estão abertos à convivência e interação com o mundo. Por isso, as acadêmicas, principalmente aquelas que desejam como profissão atuarem na educação de surdos, precisam, urgentemente, conviver com usuários surdos ampliando assim os contatos e experiências práticas com o uso da Libras. Esta talvez seja uma alternativa na busca por soluções para procurar suprir a necessidade de as acadêmicas sentirem-se mais seguras em relação à aprendizagem e domínio da Libras.

Os resultados demonstram um possível e necessário caminho para que as acadêmicas ouvintes entendam que, aprendendo uma nova língua, é ter a possibilidade de estabelecer uma relação com outros sujeitos, considerando está uma experiência válida e relevante para seu pessoal.

Ao finalizar este TCC, percebo um amadurecimento e crescimento no aprendizado da Libras, já que do início do Curso até a realização do estágio na área da surdez muitas foram as minhas dificuldades de comunicação. Posso afirmar que aprendi bem mais na imersão com os alunos surdos durante o estágio do que durante o tempo em sala de aula com as disciplinas de Libras.

Portanto, aprender uma nova língua exige de todas nós, acadêmicas do Curso de Educação Especial, entrega, dedicação e envolvimento próprio.

Procurei respostas que me impulsionassem a inserir-me cada vez mais no mundo do surdo e da surdez, em um meio que me sentia insegura, mas que precisava enfrentar, sem medos e perpassando por todas as dificuldades, no intuito de seguir em frente. Além de tudo, pude perceber também que essa imersão me trouxe possibilidades de aprender com o outro, de desenvolver valores que me agregam como pessoa e não somente como futura Educadora Especial.

REFERENCIAS

- ALMEIDA FILHO, J.C.P. Análise da Abordagem como procedimento fundador de autoconhecimento e mudança para o professor de língua estrangeira. In: Almeida Filho, J.C. P (Org). **O professor de língua estrangeira em formação**. Campinas; Pontes, 1998.
- ALMEIDA, Elizabeth Oliveira Crepaldi de Almeida. **Leitura e Surdez**: um estudo com adultos não oralizados. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- BAUER, Martin; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. **Decreto n. 5.626, 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> acesso em: 12 de setembro de 2017.
- BRITO Lucinda Ferreira. A Língua Brasileira de Sinais. In: BRASIL, **Ministério da Educação. Deficiência Auditiva**. Série Atualidade Pedagógicas, fascículo 7. Brasília: SEESP, 1997
- MEDEIROS, Daniela; GRAFF, Patrícia. **Bilinguismo: Uma Proposta para Surdos e Ouvintes**. 2012. Disponível em:<http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/38_1.pdf>. Acesso em 17 de outubro de 2017.
- GESSER, A.**O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras**. I. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr, n.19, 2002.
- LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziart Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (Org.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- NOBRE, M.A; RAMPELOTTO, E.M. Língua de sinais. In: TREVISAN P.F. F; SILVA, R.V. F; OLIVEIRA, S.R de (Orgs). **Língua de sinais**. Manaus: Edição UEA/Ed. Valet, 2008.
- PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. **Surdos: o narrar e a política**. In: Estudos Surdos – Ponto de Vista. Revista de Educação e Processos Inclusivos, n. 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003.

PERLIN, Gladis T.T. **Historias de vida surda: identidades em questão**. Dissertação (Mestrado), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

RAMPELOTTO, Elisane Maria Mesmidade ouvinte & alteridade surda : invenções do outro surdo no Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria / Elisane Maria Rampelotto. Porto Alegre : UFRGS, 2004. Tese (Doutorado)

REILY, Lucia. **Escola Inclusiva: Linguagem e mediação**. 3 ed. Campinas (SP): Papirus Editora, 2008.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed.. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA. N. M. **Educação e surdez – a inclusão na escola regular e a formação do professor**. Sinop – MT: Gráfica Grafpel, 2003.

SKILIAR, C. B. **A educação para os surdos: entre a pedagogia especial e as políticas para as diferenças**. Anais do Seminário: Desafios e Possibilidades na Educação bilíngüe para surdos, 21 a 23 de julho. Rio de Janeiro: Lítera Maciel Ltda., 1997.

SKLIAR, A localização política da educação bilingüe para surdos. In: _____. (Org.) **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. Porto Alegre: Mediação, V.1, 1999.

STOKOE Jr., W. C. **Sign Language Structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf**. *Studies in Linguistics: Occasional Papers*, Buffalo, n. 8, 1960.

THOMA, Adriana da Silva. **Surdos, língua de sinais, comunidades e cultura surda**. Curso de graduação a distância de Libras. Santa Maria (RS): 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL - PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS**. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/prograd/cursos/LICENCIATURA%20EDUCACAO%20ESPECIAL/08%20CURRICULO>>. Acesso dia 23 de outubro de 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE

APÊNDICE A

Questões de Pesquisa

1. Você aprendeu Libras no período em que fez o Curso de Educação Especial?
2. Qual a imersão na comunidade surda que você tem/teve durante a sua formação acadêmica?
3. Você se sente segura/o quando precisa se comunicar e interagir com o surdo utilizando a Língua de Sinais?
4. Você possuiu/possui dificuldades no aprendizado das Libras?

() sim () não

Quais dificuldades?

5. As disciplinas de Libras ofertadas pelo Curso de Educação Especial são suficientes para que você tenha domínio da língua visual manual?
6. Qual a sua opinião em relação ao aprendizado das Libras por acadêmicos/as ouvintes do Curso de Educação Especial?
7. Como acadêmico do Curso de Educação Especial, você teria algo a reivindicar ou sugerir sobre o ensino da Libras durante o curso? Qual a sua opinião sobre a carga horaria ofertada nas disciplinas de Libras? Elas são suficientes para que você adquira a língua viso manual?

APÊNDICE B

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: **Libras: Experiências Vividas por acadêmicos ouvintes do Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria- RS**

Pesquisador responsável (Orientador): **Elisane Maria Rampelotto**

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/ UFSM – Departamento de Educação Especial

Telefone e endereço postal completo: (55) 3220-8925. Avenida Roraima, 1000, Centro de Educação prédio 16, sala 3244 A, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria

Eu, Elisane Maria Rampelotto, responsável pela pesquisa "**Libras: Experiências Vividas por acadêmicos ouvintes do Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria- RS**", juntamente com a acadêmica Daiane Raserá Brum, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende mostrar o quanto é importante um olhar atento aos fatos e situações diárias como algo óbvio, é necessário estranhar sempre compreendendo cada vez mais o cotidiano educacional nos movimentamos e nas práticas pedagógicas que planejamos e desenvolvemos.

É na prática pedagógica junto ao aluno surdo que o/a acadêmico/a se depara com o enfrentamento da realidade e da necessidade de interagir com a comunidade surda. Neste contexto aparecem as dificuldades de interação e comunicação que a maioria dos estudantes ouvintes do Curso de Educação Especial apresenta quando entram em contato com o aluno surdo.

. Para sua realização será feito o seguinte: A pesquisa foi realizada com (6) seis acadêmicas do 8º e 7º semestre do Curso de Educação Especial da UFSM, e para preservar a identidade das estudantes utilizo neste trabalho letra A (para identificar cada acadêmica sujeito da pesquisa). As letras serão seguidas dos números 1 a 6 de acordo com a realização de cada entrevista. A primeira entrevistada, A1, para a segunda A2 e assim sucessivamente. Para aplicar as

questões aos sujeitos da pesquisa deste estudo – às acadêmicas do Curso de Educação Especial diurno, utilizou-se de um questionário com 7 (sete) questões que foram enviadas via e-mail pessoal para os sujeitos da pesquisa.

É possível que aconteçam alguns desconfortos ou riscos, como por exemplo: que você sinta algum incômodo ao lembrar-se de alguma etapa tanto do desenvolvimento, quanto da aprendizagem que seja desconfortável. Por isso, você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado/a. Estima-se que os riscos projetados para os participantes da pesquisa podem estar relacionados a algum constrangimento, já que envolve relembrar o passado. Os benefícios que esperamos como estudo aponta para a necessidade de que se continuem os esforços em prol da melhoria do ensino e aprendizado da Libras, pois nos dias de hoje o contato com o surdo está presente no cotidiano da sociedade ouvinte. Os surdos não vivem isolados em suas comunidades, eles estão abertos à convivência e interação com o mundo dos ouvintes.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Não haverá gastos para sua participação na pesquisa.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado/a, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles


provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expressei minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE
Santa Maria, 14 de novembro de 2017.

ANEXO

ANEXO 1

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE DISCIPLINA

DEPARTAMENTO:

ATIVIDADES COMPLEMENTARES

IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA:

CÓDIGO	NOME	(T - P) Cr
ACG 067	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS I	(2 - 4) 4

OBJETIVOS:

Estudar a estrutura da língua de sinais nos níveis fonológicos e morfossintáticos.

Adquirir a prática da língua de sinais em situações de comunicação.

6 x 15 = 90
6 x 17 = 102
2 x 17 = 34
1 x 17 = 17
T = 102

PROGRAMA:

UNIDADE 1 - ESTRUTURA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

- 1.1 - Características das línguas de sinais.
 - 1.1.1 - "Status" lingüísticos.
 - 1.2.1 - Dupla articulação.
 - 1.2.2 - Iconicidade.
 - 1.2.3 - Simultaneidade.
- 1.2 - Parâmetros formadores do sinal.
 - 1.2.1 - Configuração das mãos.
 - 1.2.2 - Ponto de articulação.
 - 1.2.3 - Movimento.
 - 1.2.4 - Direção.
- 1.3 - Morfologia da Língua Brasileira de Sinais.
 - 1.3.1 - Classes de palavras.
 - 1.3.2 - Verbos de movimento.
 - 1.3.3 - Classificadores.
 - 1.3.4 - Morfemas não manuais.
- 1.4 - Sintaxe da Língua Brasileira de Sinais.
 - 1.4.1 - Ordem das palavras.

(SEGUE)

PROGRAMA DA DISCIPLINA: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS I

PROGRAMA : (continuação)

1.4.2 - Organização frasal.

1.4.3 - Topicalização.

UNIDADE 2 - PRÁTICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

2.1 - Introdução à comunicação em Língua de Sinais.

2.1.1 - Postura.

2.1.2 - Expressão facial.

2.1.3 - Requisitos pragmáticos da comunicação em Língua de Sinais.

2.2 - Ensino de vocabulário por campos semânticos.

2.2.1 - Família e residência.

2.2.2 - Meios de comunicação e transportes.

2.2.3 - Anatomia e funções corporais.

2.2.4 - Vida diária escolar.

2.2.5 - Vida diária na comunidade.

2.2.6 - Vida diária na política.

2.3 - Prática da Língua de Sinais em sala de aula.


2.3.1 - Compreensão de relatos em Língua de Sinais.

2.3.2 - Produção de relatos em Língua de Sinais.


2.3.3 - Interpretação em Português de relatos em Língua de Sinais.

2.3.4 - Interpretação em Língua de Sinais de relatos em Português.

ANEXO 2

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA PROGRAMA DE DISCIPLINA	
DEPARTAMENTO:		
EDUCAÇÃO ESPECIAL		
IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA:		
CÓDIGO	NOME	(T-P)
EDE 1012	LIBRAS I	(1-1)
OBJETIVOS - ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de :		
<p style="text-align: center;">Proporcionar o conhecimento da história surda e o aprendizado básico da Língua de Sinais - LS.</p>		
PROGRAMA:		
TÍTULO E DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES		
<p>UNIDADE 1 - HISTÓRIA DO SURDO</p> <p>1.1 - Visão do Mundo. 1.2 - No Brasil. 1.3 - No RS.</p> <p>UNIDADE 2 - "CLASSIFICADOR"</p> <p>2.1 - Tabela de classificadores em Língua de Sinais. 2.2 - Classificadores: "CL" na LS.</p> <p>UNIDADE 3 - SINAIS BÁSICOS I</p> <p>3.1 - Pessoas. 3.2 - Família. 3.3 - Objetos. 3.4 - Expressão facial e corporal.</p> <p>UNIDADE 4 - SINAIS BÁSICOS II</p> <p>4.1 - Cores. 4.2 - Animais. 4.3 - Calendário.</p>		

PROGRAMA DA DISCIPLINA: LIBRAS I

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA PROGRAMA DE DISCIPLINA
-----------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------

DEPARTAMENTO:

EDUCAÇÃO ESPECIAL

IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA:

CÓDIGO	NOME	(T-P)
EDE 1015	LIBRAS II	(1-1)

OBJETIVOS - ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de :

Adquirir conhecimentos lingüísticos sobre a LIBRAS, sendo capaz de usá-los nas interações comunicativas com as comunidades surdas.

PROGRAMA:

TÍTULO E DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES

UNIDADE 1 - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

- 1.1 - O que é sinal?
- 1.2 - Estrutura lingüística de LIBRAS.
- 1.3 - Léxico ou vocabulário da LIBRAS.
- 1.4 - Configuração de mãos.
- 1.5 - Ponto de articulação.
- 1.6 - Movimento.
- 1.7 - Orientação / Direcionalidade.
- 1.8 - Expressão facial e/ou corporal.

UNIDADE 2 - GRAMÁTICA I

- 2.1 - Pronomes pessoais.
- 2.2 - Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar.
- 2.3 - Pronomes possessivos.
- 2.4 - Pronomes interrogativos: onde, que, quem.
- 2.5 - Numerais cardinais: 1 a 100.

UNIDADE 3 - GEOMETRIA

- 3.1 - Linhas, superfícies e volumes.
- 3.2 - formas e dimensões.
- 3.3 - figuras planas.

UNIDADE 4 - SINAIS BÁSICOS III

- 4.1 - Frutas e alimentos.
- 4.2 - Profissões.
- 4.3 - Uso de expressões corporais e faciais.

PROGRAMA DA DISCIPLINA: LIBRAS II

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA PROGRAMA DE DISCIPLINA
-----------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------

DEPARTAMENTO:

EDUCAÇÃO ESPECIAL

IDENTIFICAÇÃO DA DISCIPLINA:

CÓDIGO	NOME	(T-P)
EDE 1019	LIBRAS III	(1-1)

OBJETIVOS - ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de :

Conhecer a Comunidade, Identidades e Culturas surda e o aprendizado da LIBRAS, sendo capaz de realizar interações comunicativas com a comunidade surda.

PROGRAMA:

TÍTULO E DISCRIMINAÇÃO DAS UNIDADES
UNIDADE 1 - REPRESENTAÇÕES DA SURDEZ

- 1.1 - Identidade Surda.
- 1.2 - Comunidade Surda.
- 1.3 - Cultura Surda.
- 1.4 - A surdez como diferença política.
- 1.5 - A surdez como experiência visual.

UNIDADE 2 - GRAMÁTICA II

- 2.1 - Tipos de frases na LIBRAS.
- 2.2 - Pronomes e expressões interrogativas.
- 2.3 - Advérbio de tempo.

UNIDADE 3 - CONTEXTUALIZANDO EM LIBRAS I

- 3.1 - Narrativas em LIBRAS.

UNIDADE 4 - SINAIS BÁSICOS IV

- 4.1 - Cidades.
- 4.2 - Estados Brasileiros.
- 4.3 - Países.

PROGRAMA DA DISCIPLINA: LIBRAS III